

ISSN 0101-708X

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

# **G** BOLETIM GOIANO *de* eografia

INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS/GEOGRAFIA

---

VOL. 19 - N.º 2 - JAN./DEZ. 1999

## RESENHA

**LIVRO:** GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

**AUTOR:** Jutorides Alves Damascena

O livro *Geografia e modernidade* do Prof. Paulo César da Costa Gomes versa sobre questões relativas à epistemologia da Geografia e à história do pensamento geográfico. Essa obra deriva de sua tese de Doutorado defendida na Universidade de Paris IV-Sorbonne, cujo orientador foi um dos mais eminentes geógrafos da atualidade, o Prof. Paul Claval.

Para apreender os vários entrelaçamentos das correntes geográficas com o discurso da modernidade, Gomes divide seu texto em três partes, a saber:

1. Uma primeira que versa sobre o debate – conceitual – da modernidade.
2. Em seguida, discute profundamente a evolução da Geografia e sua cientificização, bem como o surgimento do dualismo no discurso geográfico.
3. Por fim, trata do advento dos tempos modernos, expressos em pelo menos três correntes atuais de pensamento: o horizonte lógico-formal na geografia moderna, o horizonte da crítica radical e o horizonte humanista.

Seu texto inicia uma profunda discussão sobre a questão da modernidade em diversas áreas: na arquitetura, na área cinematográfica, na ciência etc. No que tange ao conhecimento científico, Gomes infere que a razão “se transformou em uma instituição no final do século XVIII, ela se transformou em ciência constituída por modelos experimentais, segundo os princípios galileanos”. Prossegue afirmando que “a razão é a fonte de toda a generalização, da norma, do direito e da verdade”. Ora, com o Iluminismo no século XVIII a razão institui-se como única forma legítima de apreensão da realidade, de conhecimento sistemático dessa realidade. Entretanto, será também no Século das Luzes que as posições anti-racionalistas vão surgir, fundamentadas na concepção de que a razão não pode tudo e não é universal. Ao contrário do conhecimento racionalista que valoriza a generalização, essas “contracorrentes” valorizarão o particular. Assim, será no interior dessas duas proposições durante o Século das Luzes que emergirá a modernidade, com a criação de um novo código de símbolos e valores que passam a intervir no seio

da vida social. Alguns elementos emergem como representativos da modernidade: a ruptura, a imposição do novo e a pretensão de abarcar a totalidade. O discurso moderno parte do pressuposto que o novo deve, necessariamente, se impor sobre o antigo e o tradicional. Essa imposição se dá através da ruptura, ou seja, pela negação do que existia, pela prova de sua invalidação. Posteriormente, há a imposição do que se vem a estabelecer (o novo) para, por fim, implantar a pretensão de totalidade.

Contrárias à pretensão de ciência baseada no racionalismo, emergem as chamadas contracorrentes: Filosofia da Natureza, Romantismo, Hermenêutica e Fenomenologia, que são as evidenciadas por Gomes. Em cada uma delas o autor ressalta a contraposição de seus discursos com o pensamento racionalista. Por exemplo, após fazer a evolução da concepção de hermenêutica ao longo do tempo, o autor salientará as diferentes formas de apreensão da realidade pela hermenêutica, contrárias ao racionalismo. Na hermenêutica como método, a natureza não pode ser definida pelos elementos externos, por sua vez, a razão instrumental do racionalismo tem essa externalidade como pre-condição do fazer científico. Gomes continua afirmando que a intenção fundamental da hermenêutica não é explicar fatos, mas compreendê-los em sua totalidade (p. 112). Ao citar Heidegger, aparece claramente na concepção da hermenêutica moderna que a compreensão é algo intrínseco ao ser, algo que substitui a universalidade da racionalidade.

Paulo César da Costa Gomes ainda retrata a presença – desde o nascedouro – de uma dinâmica dualista na ciência geográfica. Desde a Geografia Clássica o dualismo já era presente, veja por exemplo a oposição entre análise empírica e análise racional, análise objetiva e análise subjetiva, Geografia Geral e Geografia Regional, Geografia Física e Geografia Humana etc. Um dado relevante de seu estudo concerne à Humboldt, em que salienta uma crítica ao racionalismo clássico, afirmando que é possível criar um conhecimento alheio a esse racionalismo exacerbado. Entretanto, a plena observação da natureza, aliada ao exercício da razão poderia permitir um conhecimento relevante e sustentado, que teria também uma carga poética e emocional. Propunha ainda uma visão cosmológica. Já Ritter propõe o método eminentemente empírico, em que o caminhar de “observação em observação” seria a melhor maneira de se atingir o verdadeiro conhecimento proposto. Fazer Geografia para Ritter era procurar compreender os arranjos individuais do “sistema mundo” (área com uma individualidade) e compará-los. Assim, é uma proposta de estudo baseada na individualidade dos lugares, logo, regional.

A abordagem referente à oposição epistemológica entre o “determinismo” (expresso na escola alemã) e o “possibilismo” (expresso na escola francesa) não se restringiu às principais características de cada escola,

mas discutiu, profundamente, o fundamento de cada uma delas. Nessa proposição, o determinismo seria a afirmação do racionalismo como método, tendo como referência Ratzel. Talvez o mais importante nesta leitura de GOMES foi que o autor não se limitou a apresentar o determinismo pelo viés ratzeliano. Foi muito além disso, lembrou-nos de Montesquieu (anterior à Ratzel), que procurou caracterizar a personalidade de um povo a partir do clima local. Não usando o termo “possibilismo” – mas deixando-o implícito – GOMES dedica uma parte de sua obra ao pensamento vidaliano. Nessa perspectiva, as monografias serão a tônica do pensamento de Vidal. Para ele, o racionalismo não imperou sozinho, houve a incorporação do empirismo, que respondeu pela realização de monografias que eram, também, resultados do método vidaliano: observação, comparação e conclusão.

A última parte da obra de Paulo César refere-se à chegada dos tempos modernos em termos de pensamento e epistemologia em Geografia. Basicamente reivindicando o momento “moderno” da Geografia, destacam-se três correntes: a Nova Geografia (New Geography), o horizonte crítico radical e o horizonte humanista.

A Nova Geografia terá como influência o positivismo lógico (início do século XX), que se manifestou plenamente na Matemática e na Física, sendo posteriormente incorporado em outras ciências, como Biologia, Sociologia e mesmo Geografia. Suas análises principais são norteadas pela extrema quantificação ou matematização. A argumentação consiste em afirmar que há um sujeito do conhecimento que pode ser independente do objeto, abrindo a possibilidade de uma experiência sintética, que permite a utilização de um modelo matemático para o conhecimento. Nesta corrente, a matemática é vista como a ciência mais rigorosa, objetiva e coerente, daí apregoarem a necessidade das demais ciências se espelharem nela.

Contrariamente à Nova Geografia, emerge a chamada corrente da crítica radical. GOMES salienta que a emergência se dá por dois vieses: um de caráter teórico-metodológico e outro referente ao domínio prático e ideológico da Nova Geografia. Na primeira proposição os geógrafos críticos questionam o fato de se analisarem “realidades desejadas”, em detrimento das condições existentes, o que torna muito tendenciosa a produção de conhecimento. A última proposição questionada deriva do fato dos geógrafos críticos considerarem a intervenção no território – através dos planos de gestão – nada mais serem que legitimação da classe dominante, uma vez que a pretensa objetividade se prendia apenas aos dados, não à ordem social vigente. Uma outra idéia muito presente nos críticos era a idéia de crise, muito bem lembrada por GOMES: crise do capitalismo, crise do Estado, crise do positivismo etc. Em se tratando

de método, vinga o materialismo histórico e dialético. Nesse método há, nitidamente, a intenção de superar as análises arraigadas à aparência, procurando atingir as essências dos fatos. O espaço é tido como produto social, podendo ser apreendido através das relações de produção e forças produtivas – que fazem parte do modo de produção.

A corrente mais recente a advogar o termo “modernista” é a humanista. O principal discurso dessa corrente é o pretenso ecletismo, uma vez que busca referências variadas, não excluindo nenhuma forma de conhecer a realidade, pois isso é visto como “um risco de limitação e de empobrecimento” (p. 304). Assim, a válvula de escape para justificar a falta de unidade do plano filosófico-metodológico é afirmar que não há um modelo a seguir, e que o apego ao modelo é uma prática a ser banida nas ciências, em especial na Geografia, uma vez que limita a análise, a “enrijece”. No humanismo crítico, o apelo é para a humanização da ciência, não o impedimento de emergir o subjetivismo, a carga cultural trazida do passado, que é característico do pesquisador. Apregoam a colocação do homem no centro das análises, não um mero “espectador” ou “ator”. O espaço, para os humanistas, possui mais que distâncias, hierarquias, fluxos, ele é um lugar, uma extensão dotada de significações variadas (p. 310). Nesse humanismo crítico, o método hermenêutico é o principal, tido como o mais eficaz na interpretação. A tarefa do geógrafo é “interpretar o complexo jogo de analogias, de valores, de representações e de identidades que figuram neste espaço” (p. 312) – veja o retorno das monografias como forma de compreensão da realidade. Por fim, está posta a idéia de espaço vivido defendida pelos humanistas, espaço esse dotado de significados materiais e afetivos (a valorização ao subjetivismo).

Para o autor, as constantes crises evidenciadas pelas correntes de Geografia como resultado da tentativa de se firmarem com caráter científico e moderno constituem, por si só, a ligação com a natureza da modernidade. O autor quis evidenciar também que, a cada tentativa de afirmação de uma corrente como objetiva e moderna, há um ciclo de retorno ao início, ou seja, não consegue romper com a velha estrutura posta. Assim, a própria tentativa de ultrapassar o tradicional e arcaico, com o discurso do novo, é uma característica da modernidade. A corrente que advoga, romper, definitivamente, com essa estrutura cíclica é a pós-moderna, anunciando a condenação da ciência racionalista. Porém, o que se observa da obra de Gomes é que a modernidade tem se alimentado dessas contracorrentes para se fortalecer; logo, seu fim ainda está longe.

A grande vantagem de Gomes foi buscar os textos originais para desenvolver seu pensamento e traçar a verdadeira história do pensamento geográfico e sua repercussão nas diversas correntes presentes na Geografia

contemporânea. Assim, cremos que essa obra deva constituir leitura obrigatória para todos os acadêmicos e professores de Geografia, sem a pretensão de afirmar que se tornará, brevemente, um clássico do pensamento geográfico brasileiro, pois a obra vai muito além de meras descrições, penetra nos acontecimentos com uma redação complexa e ao mesmo tempo instigante.